



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de mensagem que encaminha Projeto de Lei de criação do Fundo Setorial de Audiovisual (FNC) e mecanismos de fomento ao setor

Palácio do Planalto, 07 de junho de 2006

Meu companheiro José Alencar, vice-presidente da República,

Meu querido companheiro Gilberto Gil, ministro da Cultura,

Meus companheiros e companheiras ministros de Estado Luiz Fernando Furlan, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Sérgio Machado Rezende, da Ciência e Tecnologia; Orlando Silva Júnior, do Esporte; Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres; a nossa companheira Eva, que substitui o nosso companheiro Tarso Genro,

Embaixadores acreditados junto ao meu governo,

Vocês foram o único setor da sociedade brasileira que conseguiram trazer o Rachid, da Receita Federal, aqui numa reunião no Palácio. E melhor ainda, ele está rindo, significa que ele foi bem convencido.

Meu caro Orlando Sena, secretário nacional do Audiovisual,

Meu caro Grassi, nosso presidente da Funarte,

Meus companheiros e companheiras representantes da classe cinematográfica,

Pitanga de chapéu novo,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu, na verdade, não precisava falar porque o Gilberto Gil falou o que todos vocês queriam ouvir e talvez o meu discurso seja uma cópia do discurso dele. Entretanto, eu queria agradecer a todos os companheiros do Ministério da Cultura que trabalharam para que nós pudéssemos chegar ao dia de hoje.



Vocês sabem que fazer um projeto de lei, mandá-lo ao Congresso Nacional, é uma coisa muito simples, a gente pode contratar o jurídico da Casa Civil ou o jurídico do Ministério da Cultura, eles fazem o projeto e você manda, e quando você manda, ele pode demorar 10 anos, 15 anos, 20 anos e não ser votado. Quando você faz a opção de construir um projeto que regulamenta um setor qualquer da atividade econômica brasileira e você ouve os agentes que participam, direta ou indiretamente, naquela área, você primeiro assume o compromisso de que aquele projeto é para valer, portanto, quando ele chegar no Congresso Nacional, o governo tem a incumbência de fazer com que os seus aliados priorizem esse projeto.

Segundo, a sociedade, ela tem o compromisso de fazer com que aquilo que foi elaborado possa ser votado tal como nós enviamos ao Congresso Nacional. Obviamente que sempre respeitando o direito do Congresso Nacional de fazer as mudanças que lhe convier, de preferência se for para melhor, se for para pior não precisa fazer.

E esse é um compromisso histórico que nós estamos concretizando aqui. Vocês sabem que já apanhamos muito, já tentamos fazer coisas que não foram muito compreendidas ou, quem sabe, não estavam de acordo mesmo. E o Gil sabe quantas chibatadas nós tomamos. E agora construímos um projeto de que cria um fundo que pode dar ao audiovisual brasileiro a sustentabilidade definitiva para que a gente tenha uma indústria mais forte, mais competitiva, aproveitando a criatividade do povo brasileiro.

Como o meu discurso tem muita coisa que o Gil já leu, vocês viram que o discurso do Gil é de poucas páginas e muitas letras. O meu, é de muitas páginas e poucas letras. Eu não vou ler, Gil, vou apenas dizer uma coisa para vocês. Vocês vão sair daqui e vão entregar este projeto no Congresso Nacional. Certamente vocês serão muito bem recebidos pelo Presidente da Câmara, pelo Presidente do Senado, sobretudo, depois do que aconteceu ontem na Câmara dos Deputados.



Muitos de vocês que acompanham a minha vida sabem que eu nasci do movimento social. Eu fiz as greves que tinham que ser feitas neste país, eu fiz as passeatas que tinham que ser feitas neste país para conquistar a democracia, fizemos as caminhadas que imaginávamos que eram necessárias ser feitas, vim a Brasília fazer passeata, caminhada, comício, na frente do Congresso Nacional, cobrar de deputado, mas na minha cabeça sempre permeou a certeza de que a democracia também nos impõe limite de responsabilidade e nos impõe o limite das coisas que podemos ou não fazer.

Na medida que extrapolarmos os limites impostos pela democracia, estaremos cometendo atos ilegais e, portanto, estaremos à disposição de pagar o preço de desrespeitar a democracia. O que aconteceu no Congresso ontem, não foi um movimento reivindicatório, até porque não apresentaram pauta. Na semana passada, eu fiz na minha sala, no meu gabinete, reuniões com os trabalhadores rurais brasileiros, e fizemos acordos com todos os trabalhadores ligados à Contag, os trabalhadores ligados à Confederação Nacional da Agricultura, fizemos acordo com a Fetraf do Brasil, que representa agricultura familiar. E nesse gabinete, aqui em cima, e nesta sala aqui embaixo, já entrou uma quantidade de gente que jamais tinha imaginado colocar os pés dentro de um palácio da Presidência da República.

Aqui já entrou sem teto, aqui já entrou sem terra, aqui já entrou todo tipo de movimento que vocês possam imaginar. Nunca, em nenhum momento, nós criamos qualquer dificuldade para que o movimento pudesse vir aqui nos entregar reivindicações e reclamar. Nunca, em nenhum momento, e vamos continuar agindo assim, afinal de contas, foi para isso que eu ganhei as eleições, para garantir que a parte da sociedade que não tem os acessos que normalmente uma outra parte tem ao poder político, possa ter.

Entretanto, o que nós vimos ontem, não foi uma cena de democracia, foi uma cena de vandalismo, foi uma cena de pessoas que perderam o limite da responsabilidade no trato da coisa pública. As pessoas podem até não gostar



do Congresso Nacional, eu fui deputado quatro anos e desisti porque não quis mais ser deputado, mas todos nós aqui somos testemunhas de que este país era muito menos seguro e era menos gratificante quando a gente não tinha o Congresso Nacional funcionando, fechado pelo autoritarismo brasileiro.

A sociedade brasileira aceita as manifestações, aceita as passeatas, aceita as greves, aceita o protesto. A sociedade aprendeu que isso faz parte da democracia. Em todo mundo civilizado é assim, na Suécia, na Finlândia, na França, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, ou seja, você pode pegar o país que você quiser como modelo que você vai perceber que o povo se manifesta, que tem enfrentamento com a polícia, isso já está absorvido pelos democratas do planeta Terra.

Agora, toda vez que um movimento extrapola os limites da democracia, este movimento não está representando os anseios democráticos da sociedade. Porque se os companheiros tivessem uma pauta de reivindicação, que nos entregassem. Aqui tem dez ou 12 ministros que conversam com os movimentos sociais toda hora e todo dia, aqui ninguém pergunta de que partido é, de que religião é, de que pensamento ideológico é, ninguém pergunta. Aqui, foi movimento, tem o direito de ser recebido e tem o direito de ser atendido ou não, de acordo com as nossas possibilidades.

Quando vocês vão ao Congresso Nacional, eu acho extremamente importante, porque é o primeiro agrupamento de pessoas que vai ao Congresso Nacional depois do ato de ontem. E eu acho importante que vocês vão ao Congresso Nacional, para dar a certeza aos deputados, para dar a certeza à imprensa, para dar a certeza ao Presidente da República, de que o que aconteceu ontem é uma coisa que não faz parte da cultura política e da visão de democracia que todos nós acreditamos, quem praticou vandalismo, pagará pelo vandalismo praticado. Quem pratica a democracia, será beneficiado pela democracia que nós estamos construindo.



Gil, meus parabéns, parabéns a todos os companheiros que trabalharam, parabéns a todos vocês ligados à indústria do audiovisual, e eu espero que a gente prontamente aprove esta lei e que a gente possa dinamizar ainda um pouco mais a cultura no nosso país.

Boa sorte.